

>> CAPA

| ENSAIO |

# A CARA E A CORAGEM DA REVOLUÇÃO ÁRABE

**| LÉO VILLANOVA**  
É jornalista, publicitário e paralelamente fotógrafo, com foco nas pessoas que dão vida aos lugares. Na internet: [www.leovillanova.net](http://www.leovillanova.net)

Nos últimos meses de dezembro e janeiro realizei a viagem há anos planejada. Do roteiro fez parte Israel, Territórios Palestinos, Jordânia, Deserto do Sinai e região do Mar Vermelho indo até o Cairo, no Egito. A meta era sobreviver e me transportar, na medida do possível, como as pessoas que vivem nesses lugares. Isso iria facilitar outro objetivo que

era trazer na cabeça e nos cartões digitais um retrato mais fiel de uma gente que é vista com preconceito, principalmente por quem nunca viu um árabe ou muçulmano de carne e osso na sua frente e os relaciona apenas com violência e intolerância. A intenção desse ensaio é mostrar que esses novos capítulos da história dos árabes estão sendo escritos por pessoas normais, que há muito tempo vêm lutando todos os dias, com a mais prosaica das ambições: apenas sobreviver.

Poucos dias após minha volta, as revoluções no mundo árabe já tinham tomado forma e uma das

que causou mais comoção, a egípcia, expunha ao resto do mundo o avançado estado de decomposição do faraó que governava o país há 30 anos. Quem acompanhasse o noticiário, podia crer que tudo aquilo estava acontecendo após o despertar repentino de um povo influenciado pelas revoltas em outros países, com tudo organizado e levado a cabo por jovens rebeldes através das novas ferramentas de convocação de protestos populares: o Twitter e o Facebook. Mesmo tendo vivenciado minimamente do dia-a-dia do povo do Cairo, pude perceber que o ocorrido era só questão de tempo e oportunidade - e incentivo externo. Faltou para muita gente no Ocidente memória para lembrar que o levante egípcio já vinha sendo ensaiado há mais de uma década, quando aconteceram manifestações de apoio à Segunda Intifada palestina, em 2000, seguidas de greves em vários setores produtivos, reprimidas violentamente por Hosni Mubarak. Dessa vez, a diferença é que seu governo mumificado estava em ruínas e a musculatura do seu maior apoiador, os Estados Unidos, está atrofiada. A revolução estava pulsando há muito mais tempo. Mas o costume é ouvir os especialistas em política, e esquecer o básico que é saber das pessoas o que elas pensam, quais são as suas necessidades e aspirações.

## RETRATO FALADO DA CRISE

Junto à câmera fotográfica ando sempre com uma pequena caderneta onde anoto os lugares e nomes de pessoas que tenho contato. No Cairo, o primeiro nome anotado foi Tamer Emam. Estava no crachá do funcionário que me atendeu na portaria de um hotel em Downtown, bairro central e decadente. Uma chegada conturbada na cidade me deixou completamente impaciente com os caio-tas. Em menos de 24 horas aquele era o segundo hotel que me hospedava na capital e dei pouca atenção à conversa que Emam tentava engatar. Mas mesmo assim ele continuou e conseguiu captar minha atenção falando: "Quero ir embora desse país. Não aguento mais essa gente desonesta, corrupção, desordem...". Minhas experiências até aquele momento no Egito, especialmente na capital, me faziam concordar plenamente com o discurso que se seguia. No meio das lamentações de Emam, deu para saber que ele tinha diploma e pós-graduação em administração de empresas, e até agora, aos 36 anos de idade, ainda não tinha conseguido um emprego condizente com sua formação. Queria de alguma forma ir se juntar a alguns parentes que moravam nos Estados Unidos. Sim, sabia que a situação econômica lá não era das melhores, mas qualquer coisa era melhor que permanecer no Egito. Não tenho dúvida alguma, Tamer Emam estava entre as milhares de pessoas que foram às ruas derrubar o governo Mubarak.

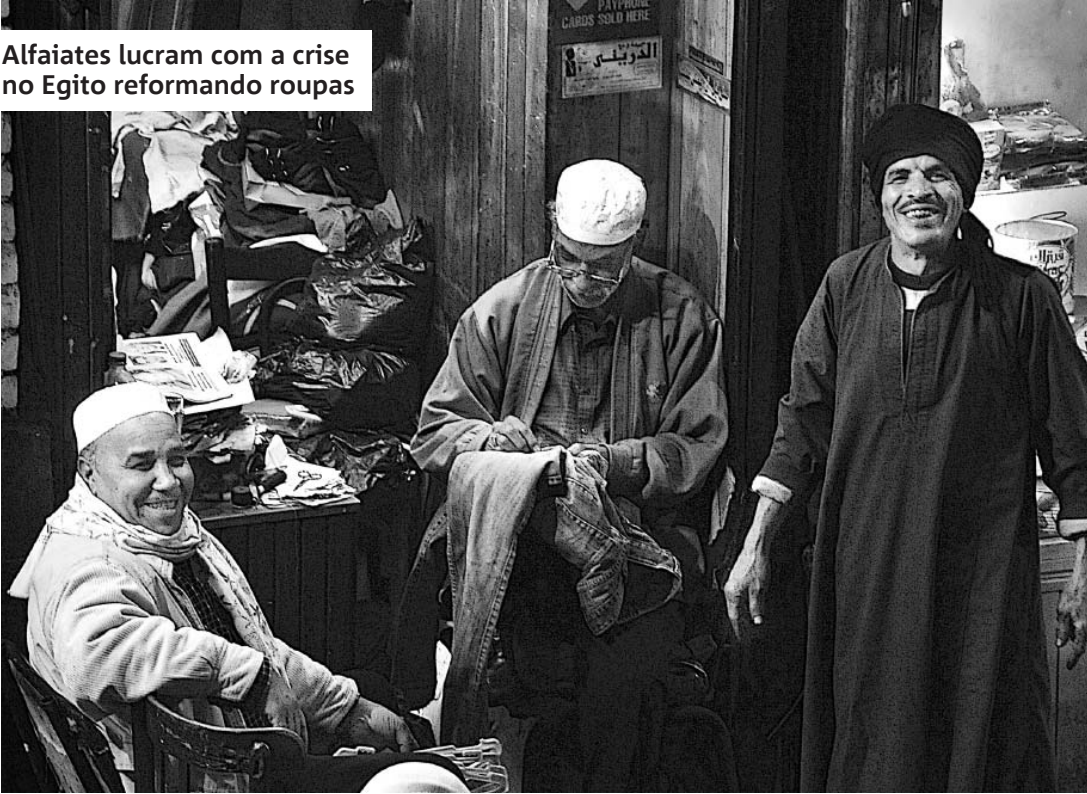
Depois daquela conversa inesperada, quando saí novamente às ruas do Cairo, deixei de dar tanta atenção à polícia e barulho excessivo da cidade, ao trânsito surreal, à malandragem dos taxistas e ao assédio dos falsos guias, e resolvi me concentrar nos personagens que tentavam sobreviver concorrendo com mais 8 milhões de habitantes na capital. No meio desse contingente, uma quantidade muito grande de jovens sem nada a fazer. Quando muito, eles auxiliavam ou tentavam uma vaga

no comércio informal que se espalhava tentacularmente pelas ruas até áreas mais amplas da cidade, onde se tornavam camelódromos colossais, como nas regiões das praças Ataba e Tahrir - que agora vai virar atração turística. Em alguns pontos, as ondas de camelôs iam e vinham e quem determinava a maré era a repressão da polícia, que surgia em caminhões. Para tentar conter essa concorrência informal, alguns comerciantes mais abastados do Cairo têm o estranho hábito de estacionar carros velhos nas portas de suas lojas. Alguns parecem estar parados lá desde o dia que Mubarak assumiu o poder. Esses zumbis automobilísticos não só tomam o espaço que seria ocupado pelas barracas dos ambulantes, mas também dificultam ainda mais o desordenado trânsito da cidade. Numa dessas ruas vi uma cena grotesca: carros da polícia desviando cuidadosamente das carcaças de carros antigos dos lojistas ao tempo que passavam literalmente por cima das bancas de desesperados camelôs. O que restava das mercadorias era levado embora pelos policiais. Só nesse quadro, já se poderia encontrar algumas das grandes causas para o levante popular de janeiro no Egito: economia em crise, desemprego, corrupção e violência policial.

## QUANDO ALÁ QUER, É ASSIM

Vendo na TV imagens de uma das manifestações no Cairo, quase jurei ter reconhecido Dahab, um jovem sapateiro que fotografei em sua oficina, montada numa salinha de um prédio decrepito e abandonado. Se essa minha suspeita for realidade, contribui para que uma das teorias preferidas de alguns dos 'especialistas' se esvazie: a de que a revolução egípcia está sendo patrocinada por fundamentalistas islâmicos. Dahab faz parte da minoria de 10% de cristãos coptas, que seria varrida do mapa do Egito num governo religioso muçulmano. Por isso, não teria o que estar fazendo nas ruas protestando. Mas isso nem a Irmandade Muçulmana, entidade político-religiosa que deu suporte ao levante egípcio, na realidade quer. Eu acredito que a maioria dessas pessoas que se revoltaram e querem de verdade mudar de vida no Egito ou nos outros países árabes, olham para frente e não querem enxergar um Irã, mas sim uma secularista Turquia como modelo. Os turcos viraram os primeiros muçulmanos ricos, no melhor sentido da palavra. Eu não leio uma linha no idioma deles, mas desconfio que em nenhum dos carrões novos que vi circulando em Istambul, tinha um adesivo no vidro traseiro com a frase: "Quando Alá quer, é assim!". Lá o povo teve seus próprios méritos pela recente onda de progresso turco.

Da mesma maneira que dizem que toda festa brasileira pra ser boa tem que terminar em baraco, toda discussão entre árabes tem que acabar em Israel. E as discussões deles são assustadoras, aos berros, com chuva de pingos de cuspe na cara, turma do deixa-disso sempre em desvantagem em relação à turma da lenha na fogueira. A primeira de muitas dessas contendas entre árabes vi justamente dentro do território israelense. Eram uns motoristas de van que talvez brigassem por um lugar na fila ou coisa que o valha. Depois do décimo susto, eu já nem esticava o pescoço para saber do que se tratavam essas confusões. Mas Israel deve estar de orelha em pé ao som de um mero levan-



Alfaiates lucram com a crise no Egito reformando roupas



Símpatia agrada a clientes e visitantes em barbearia do Cairo



Menino aponta para o líder em Hebron, Palestina



Dahab, o sapateiro cristão do Cairo, Egito



Dias de movimento fraco em restaurante egípcio



Pausa para a Shisha no Cairo



Possível reencarnação de Abraão, em Israel

tao mais elevado o grau de tensão e risco nessa improvisada visita guiada à sucursal da Faixa de Gaza, maior a possibilidade do Ibrahim receber mais pelo serviço. Ir e poder voltar com o pescoço intacto desse lugar pode valer cada shekel que você vai oferecer agradecido ao simpático Ibrahim.

## SENHORES DO DESTINO

Se não houvesse agora esse percalço dos levantes e protestos, o plano das ocupações progressivas dos territórios palestinos por Israel iria empurrar os árabes até o outro lado da fronteira, lá na Jordânia. De preferência, nas montanhas, para fazer companhia a Hussein Faraaj, um beduíno que vive com a mulher Áida e o filho Mohammed, vendendo artesanato e alugando burros para os turistas que vão visitar o sítio histórico de Petra (ou Al-Batra, como eles falam que é certo chamar). Ao fim do dia de trabalho, Hussein não vai para uma casa na cidade, dorme com a família ali mesmo na montanha, em uma espécie de caverna. E dos poucos lugares no país onde não tem a foto do rei Abdullah II pendurada nas paredes. A família real, que veio lá da Arábia e ganhou dos ingleses o território da Jordânia,

também está na mira das revoluções árabes. O movimento ainda é tímido por lá já que muito jordani-ano acredita que tudo na vida é destino que manda.

É o caso de Hassan, um sargento do exército, chefe de uma pequena guarnição no porto de Aqaba, onde fiquei retido por quase uma hora, não por questões policiais, e sim pela curiosidade do militar. Ele queria saber tudo do Brasil, lugar no mundo que ele mais gostaria de conhecer. Falei que muito melhor que eu falar era simplesmente ele ir até lá. Férias não existem? "Sim, mas só posso ir para o Egito, Iraque ou Arábia". Já pensou em mudar de emprego? "Só posso pensar nisso daqui a 30 anos, quando cumprir meu tempo no exército", lamentou Hassan. Mais parecia alguém que falava de uma sina, ao invés uma profissão. Essas revoluções no mundo árabe podem estar trazendo uma coisa mais importante do que a queda de regimes e reparação de injustiças. Podem trazer as pessoas a consciência que elas podem ser donas dos seus próprios destinos.

CONFIRA MAIS IMAGENS NA PÁGINA A8